



Castro: desafio é passar de economia "bem comportada" para crescimento rápido

Condições são insuficientes para crescimento rápido, afirma Castro

Economia - Brasil

Chico Santos e Francisco Góes
Do Rio

O Brasil dispõe de condições favoráveis, mas ainda não suficientes, para fazer a economia transitar para o crescimento rápido nos próximos anos, disse ontem o economista Antonio Barros de Castro, assessor especial do Ministério do Planejamento. Entre os fatores que podem alavancar o crescimento sustentado, Barros citou o perfil industrial diversificado do Brasil, a incorporação das exportações às estratégias das empresas e a abertura do governo ao diálogo com os agentes econômicos.

"Existem fatores idiossincráticos mostrando que pode haver combinação própria brasileira que leve ao crescimento rápido", disse Castro ao falar no Mini-Fórum Nacional, no Rio. Castro afirmou que não há receitas de bolo para permitir o crescimento rápido e que ele depende, sobretudo, de soluções locais. Ele citou estudo dos economistas Ricardo Hausmann e Dani Rodrik, que identi-

cou 83 casos de países que transitaram para o rápido crescimento.

"O estudo mostra que as hipóteses convencionais sobre por que se transita para o crescimento acelerado são frágeis e não têm robustez. As reformas liberalizantes, da década de 90, explicam somente 10% dos casos", disse. Castro argumentou que o desafio é encontrar maneira de o Brasil passar de uma economia "bem comportada" (sem problemas inflacionários e de câmbio e com uma regime macroeconômico consistente) para o crescimento rápido.

"A economia bem comportada tem como limite o pleno emprego dos fatores, ou seja, é ter um Greenspan (Alan Greenspan, presidente do Federal Reserve) nos trópicos calibrando a política macro, com um olho na inflação e outro no emprego. Isso dá um ritmo de crescimento. É o afastamento do stop and go e o reforço da confiança, sobretudo agora que as empresas descobriram as exportações e estão enraizadas nas vendas externas", afirmou Castro. Avaliou que o

aumento das exportações foi um reposicionamento das empresas frente à fragilidade da economia na história recente do Brasil.

Também no Mini-Fórum, o economista-chefe do Bird (Banco Mundial) para o Brasil, Mark Thomas, fez pesadas críticas à forma como são usados no país os bancos públicos. "O setor financeiro público no Brasil é a soma de um conjunto complicado de taxas especiais, algumas das quais ineficientes, créditos direcionados, para, por exemplo, moradia e agricultura, a preços não estabelecidos pelo mercado. Tais arranjos foram surgindo gradualmente e de forma cumulativa ao longo do tempo. A lógica sugere que, quase com certeza, eles não vêm sendo ideais do ponto de vista do crescimento econômico", afirmou.

Thomas sugeriu que "uma estratégia de crescimento moderno para o Brasil reconsidere a vocação das grandes instituições financeiras do setor público e em especial, devido à sua enorme importância, a do BNDES (Banco Nacional de

Desenvolvimento Econômico e Social)". O debate sobre a estratégia, na opinião do economista do Bird, deveria ser direcionado, no aspecto das instituições financeiras públicas, para a melhor forma de aproveitamento do capital humano que elas possuem, na visão de Thomas, acima da média do existente em países em condições semelhantes ao Brasil.

Ele também fez críticas ao desmatamento da Amazônia, afirmando que pode ser bom a curto prazo, mas é ruim no longo prazo e afirmou que qualquer discussão sobre reforma política "não pode fugir do assunto do federalismo brasileiro". Sem entrar em detalhes sobre a organização federativa, disse que os três episódios de crescimento forte no Brasil — no Estado Novo (Getúlio Vargas), no Plano e Metas (Juscelino Kubitschek) e no Milagre Brasileiro (regime militar) — todos ocorreram sob regime centralizado. Criticado na fase de debates, afirmou que não estava dizendo que a democracia atrapalhava o crescimento.